

# Eduardo Chivambo Mondlane

Por Gabriel Simbine

Nós achamos não existir nenhuma mística em volta da vida e obra de Mondlane para necessitar de uma desmistificação. O nosso conhecimento de um Mondlane aluno, estudante, académico, diplomata, funcionário superior da ONU, pai e chefe de família e fundador da Frente de Libertação de Moçambique, os contactos directos e momentos de convivência conferem em nós o direito de conformar, com conhecimento de causa, que Mondlane atingiu uma estatura de um dirigente político mundial. A dimensão da obra de Mondlane é de uma personalidade que influenciou o mundo contemporâneo com as suas ideias teóricas e trabalho prático a ponto de não ter criado em sua volta uma mística.

Este pequeno intróito vem a propósito de um artigo do Sr. Benedito Tomás Muianga no SAVANA de 14/6/06 em que me coloca no grupo dos cronistas da corte frelimista que distorce a história do movimento nacionalista moçambicano com a criação de uma mística em torno da imagem e obra do Dr. Eduardo Chivambo Mondlane.

O Sr. Benedito Tomás Muianga coloca o Sr. Adelino Gwambe como o protagonista principal do projecto de libertação de Moçambique com a elaboração de "um plano e estratégia de libertação do país com o uso de armas como forma de forçar o regime colonial português a reconhecer o direito dos moçambicanos à independência nacional".

No nosso artigo de 17/5/96

no SAVANA não mencionámos o nome do sr. Adelino Gwambe e nem dissemos que ele não tivesse plano e estratégia de libertar Moçambique através da luta armada. O que ficamos a saber agora é que os estatutos e programa que a Frelimo adoptou o seu I Congresso de Setembro de 1962 foram da autoria e obra do Sr. Adelino Gwambe.

O que nós dissemos, e continuamos a afirmar, é que Mondlane, não sendo o primeiro a criar um movimento nacionalista moçambicano, foi o primeiro a levar a cabo com êxito o desencadeamento da luta de libertação devido à sua formação académica e profissional e sobretudo a sua capacidade de análise e conhecimento da situação do regime colonial português: sua capacidade de resposta à contestação da sua presença em Moçambique. Nas Nações Unidas Mondlane conheceu alguns políticos portugueses e a sua política de não ser uma potência colonial por não possuir colónias. Foi na altura em que as maiores

potências coloniais da época haviam decidido desmembrar os seus impérios com a independência das suas colónias ultramarinas. Portugal não tinha nada para libertar por que Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Goa, Damão e Diu, Moçambique e S. Tomé e Príncipe eram parte integrante da pátria portuguesa uma e indivisível.

Quando o sr. Benedito Tomás Muianga diz que Mondlane declarou sentir-se mais português do que

moçambicano e que ele estava comprometido com o Ocidente a ponto de preferir a diplomacia e diálogo na solução do problema colonial em Moçambique. É verdade que qualquer nacionalista libertador preferia utilizar meios pacíficos do que recorrer à violência. Mondlane não constituiu uma excepção. Mondlane não tinha problemas com o Ocidente, o seu problema era com a presença de Portugal em Moçambique como potência colonial e o estatuto e a situação do seu povo. Mondlane obteve o apoio não só do Terceiro Mundo como também de muitos países do Ocidente. Os americanos financiaram a construção do Instituto Moçambicano em Dar-es-Salaam e voluntários britânicos vieram trabalhar bem como os alemães, búlgaros, italianos e outros.

Mondlane havia já chegado à conclusão de que só a luta armada era a única via de libertar Moçambique quando decidiu deixar a ONU. Eu fui um dos poucos moçambicanos com quem Mondlane conversou antes de abandonar a ONU. Ele não podia tomar uma posição contra um dos membros da organização ainda funcionário. Syracuse foi apenas uma passagem no seu caminho rumo à Tanzânia onde Nyerere e seu governo o esperavam. Mondlane solicitou a Nyerere deu um apoio incondicional com todos os riscos que daí podiam advir. Portugal não tinha o poder militar para atacar a Tanzânia passando pelas zonas da guerrilha da Frelimo. Essa análise e conclusão consubstanciaram-se

com a incapacidade de Portugal de ganhar a guerra, mesmo com o NO GÓRDIO.

A Frelimo fez uma guerra aberta com os motivos e objectivos bem definidos e claros. Delegações dos países europeus, asiáticos, dos países vizinhos e da OUA visitaram as bases da Frelimo na Tanzânia (Nachingweya, Bagamoyo e Tunduru, por exemplo) e as bases nas zonas libertadas em Moçambique e, "in loco" testemunharam a organização das populações em serviços sociais nomeadamente centros da educação, de saúde, de produção agrícola, etc. As delegações estrangeiras conviveram com os guerrilheiros e as populações gravaram, filmaram e fotografaram as actividades desenvolvidas e regressaram para os seus países como embaixadores da causa moçambicana. Os soldados portugueses capturados no combate foram entregues à Cruz Vermelha Internacional. Alguns visitantes estrangeiros decidiram ficar com a Frelimo. Até hoje temos entre nós a Senhora Polly Gaster e antigos cidadãos dos Países Baixos que acabaram por ficar e adquirir a cidadania moçambicana. Missionários juntaram-se à Frelimo no período da luta armada e ainda hoje estão conosco num Moçambique independente.

Mondlane e a Frelimo têm a sua história não só em Moçambique mas também na África Austral, no continente e n mundo. Temos informação da existência de um texto sobre Mondlane nos livros escolares da Namíbia, exemplo de um Mondlane cuja vida

e obra ultrapassam os limites fronteiriços nacionais.

Nós não somos cronistas da corte frelimista mas sim cronistas em sintonia com cientistas sociais do nosso continente e do mundo.

Não pertencemos a um movimento que, intitulando-se protagonista da democracia, declarou guerra não declarada contra o povo inocente com a prática de um genocídio numa conhecida o território moçambicano, queimando escolas, centros de saúde, casas de habitação, destruído os meios de transporte, minando estradas e pontes e quase todas as infra-estruturas nas zonas rurais.

Os responsáveis por estes actos da morte e destruição são, no nosso entender, os que devem ser desmistificados. O genocídio não compadece com a democracia. A guerra de desestabilização nunca democratizou nenhum sítio no mundo os genocidas devem ser desmistificados e desmascarados.

Os fundadores da MANU, UNAMI e UDENAMO abandonaram a união com a Frelimo. Preferiram exilar-se para Quénia, Cairo e Zâmbia para se perderem para sempre. Marcelino dos Santos, Feliciano Gundana e outros que aceitaram ficar são e foram dirigentes no esforço comum de libertação e construção.

Colocar na boca de Mondlane declarações de amizade e simpatia para com o regime colonial português é dizer que Mondlane viveu os seus últimos anos (1961-1969) a defender os interesses e a permanência de Por-

tugal em Moçambique? Sentar-se ao lado dos governantes coloniais portugueses durante a visita que efectuou a Moçambique em 1961, não significa simpatia muito menos a comunhão da política. O interesse de controlar Moçambique fez com que os representantes de Salazar e os seus lacaios em Moçambique sentassem sempre ao lado de Mondlane. Eu pessoalmente estive em alguns locais de encontro no então Lourenço Marques e em Inhambane.

Finalmente, vou deixar os outros compatriotas moçambicanos para comentarem a afirmação do sr. Benedito Tomás Muianga de que Mondlane não foi o fundador da Frelimo mas sim o sr. Fanuel Mahluza em 1962 no Gana (SAVANA de 21/6/96, página 6). Ainda estão vivos muitos membros fundadores da Frelimo que podem e devem comentar, se assim o desejarem.

Devemos rectificar a história da Frelimo e da luta de libertação, senhor Muianga?

Estar na oposição não confere a ninguém o direito de viciar e falsificar os dados históricos da Frelimo e de Moçambique. Acusando os "cronistas da corte frelimista" de distorcer a história do movimento nacionalista moçambicano com a atribuição da obra de Mondlane ao Adelino Gwambe (plano e estratégia) e afundação da Frelimo ao Fanuel Mahluza no Gana ninguém com a cabeça no seu lugar pode aceitar isso e nem sequer engolir a seco. A que corte de cronistas pertence o sr. Benedito Tomás Muianga? ■